

Terminologia Baniwa relacionada às palmeiras¹

Madalena Otaviano Aguiar^{2,4} e Maria Silvia de Mendonça³

Recebido em 18/11/2010. Aceito em 9/05/2011

RESUMO

(Terminologia Baniwa relacionada às palmeiras). O presente estudo faz uma análise da terminologia dos nomes dados às palmeiras (Arecaceae) pelos índios Baniwa da comunidade indígena de Tunuí Cachoeira, alto rio Negro, AM, Brasil, com o objetivo de obter a tradução e/ou a significação das palavras. As coletas de dados foram feitas com aplicação de entrevistas estruturadas diretas e pessoais e semi-estruturadas em estudo de grupo e turnês-guiadas. A partir da análise dos termos, foi possível reconhecer características de nomeação relacionadas à morfologia (58%), à ecologia (29%) e à cultura (13%). Também foi possível evidenciar que há termos superordenados (genéricos) que relacionam por inclusão hierárquica os subordinativos (específicos), indicando uma categorização e subcategorização em ordem descendente. Isto está de acordo com o modelo berliniano que nomeia de lexema primário e secundário, respectivamente. Estas análises contribuem para uma melhor compreensão do conhecimento tradicional do povo Baniwa.

Palavras-chave: Arecaceae, Etnobotânica, Nomenclatura etnobiológica, Índios Baniwa

ABSTRACT

(Baniwa terminology related to Palms). The present study analyzes the naming terminology given to the palms (Arecaceae) by the Baniwa Indians of the indigenous community of Tunuí Cachoeira, in the Upper Rio Negro, Amazonas, Brazil, in order to obtain the translation and/or the meaning of the words. Data collection was achieved through the use of direct structured and semi-structured personal interviews, group study, and guided site-visits (to the plants in question). In analyzing the terms, it was possible to recognize naming characteristics tied to morphology (58%), ecology (29%) and culture (13%). It also was possible to demonstrate that there are superordinate terms (generics) that connect by hierarchical inclusion the subordinate categories (specifics), indicating a categorization and subcategorization in descending order. This is in accord with the Berlinian model which names the primary lexeme and secondary lexeme, respectively. These analyses contribute to a better understanding of the traditional knowledge of the Baniwa people.

Key words: Arecaceae, Ethnobotany, Ethnobiological Nomenclature, Baniwa Indians

Introdução

Na região do alto e médio rio Negro há uma grande riqueza cultural e linguística, sendo faladas mais de vinte línguas pertencentes a quatro grandes famílias linguísticas: Tukano Oriental, Aruak, Maku e Yanomami. A língua Baniwa pertence à família linguística Aruak (=Arawak) e é muito parecida com a língua Kuripako, como o português e o espanhol, e são frequentes os casamentos entre os dois grupos étnicos. Os índios Baniwa e os Kuripako ocupam toda a bacia do rio Içana, afluente do alto rio Negro, residentes em mais de 90 povoados, entre comunidades e sítios, com uma população total de cerca de cinco mil indivíduos. No Brasil, os povoados Baniwa estão localizados no baixo

e médio rio Içana e os Kuripako somente no alto rio Içana (Calbazar & Ricardo 2006).

São catalogadas mais de 180 línguas indígenas em uso corrente no Brasil. Três delas ganharam a condição de idioma oficial, ao lado do português, no município de São Gabriel da Cachoeira, região do alto rio Negro, onde vigora uma lei que co-oficializa as línguas Nheengatu, Tukano e Baniwa, lei 145/2002, aprovada em 22/11/2002 (Lei municipal oficializa línguas indígenas 2009).

Os trabalhos de Ramirez (2001a,b) configuram-se entre os estudos mais completos sobre a língua indígena baniwa. O autor considera que dentro do idioma Baniwa-Kuripako existem variações dialetais que não impedem a compreensão, identifica três super-dialetos e suas localizações: Dialeto

¹ Parte da tese de Doutorado da primeira Autora

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus São Gabriel da Cachoeira, São Gabriel da Cachoeira, AM, Brasil

³ Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Ciências Agrárias, Manaus, AM, Brasil

⁴ Autor para correspondência: aguiarmada@yahoo.com.br

Central, Dialeto Setentrional e Dialeto Meridional. Há zonas de tensão linguística, como na região de Tunuí, onde se ouve um falar de transição entre os dialetos central e meridional. O mesmo faz um estudo lingüístico sobre as línguas Arawak de toda a Amazônia Sententrional. Ainda, compôs o dicionário Baniwa-Português no qual afirma que o falar de referência é o Super-Dialeto Central, especialmente, o que se escuta no rio Içana e seus afluentes, rio Aiari e Cuiari, em cuja área de abrangência está inserida a comunidade estudada, Tunuí Cachoeira, referenciada pelo autor como área de tensão linguística.

Um marco nos estudos orientados cognitivamente sobre semântica (estudo do significado linguístico) deu-se na década de 1950, com o trabalho pioneiro de Conklin que concentrou mais atenção sobre aspectos lexicográficos e análises semânticas dos sistemas de classificação de *folk*. Segundo Conklin (1962), a estrutura semântica das classificações de *folk* é de suma importância, pois, de sua análise, depende a precisão de muitas afirmações cruciais sobre a cultura em questão.

O presente estudo faz uma análise dos termos baniwa relacionados às palmeiras (Arecaceae), com o objetivo de obter a tradução e/ou a significação das palavras em português, a fim de descrever os princípios envolvidos na nomenclatura baniwa, isolar os táxons das categorias taxonômicas, obtendo informações sobre eles e, ainda, discutir esses dados com base nas análises etnossemânticas encontradas nos trabalhos de Berlin *et al.* (1973) e Couto (2007), tendo como principal fonte de consulta da correção da grafia e da interpretação em português dos termos indígenas, os trabalhos de Raminéz (2001a,b) e os especialistas na língua indígena Baniwa.

Material e métodos

O estudo foi realizado entre os Baniwa, moradores da comunidade indígena de Tunuí Cachoeira, situada na região do médio rio Içana, afluente do rio Negro, no município de São Gabriel da Cachoeira, Estado do Amazonas, com coordenadas geográficas do centro da aldeia: 01°23'26"N/68°10'32"W, altitude 112m. A comunidade é formada por cerca de 250 habitantes falantes da língua baniwa. Foram realizadas sete viagens à comunidade, iniciadas em maio de 2007 e finalizadas em outubro de 2008, com estadias de 22, 20, 16, 25, 15, 18 e 10 dias, totalizando 126 dias.

As coletas de dados etnobotânicos foram feitas através de entrevistas estruturadas e semi-estruturadas aos moradores pertencentes à etnia Baniwa, acima de 12 anos, de ambos os sexos. Foram realizadas com a intervenção de um intérprete, denominado mediador, para fazer a interlocução entre o entrevistador (pesquisador) e os entrevistados (indígenas), em virtude da dificuldade que os moradores têm de se comunicar em português, principalmente, os adultos, em especial os idosos.

Participaram da pesquisa oito mediadores falantes da língua baniwa e da língua portuguesa, perspicazes e capazes de transmitir informações com originalidade, confiabilidade e clareza. Eles também acrescentaram informações enriquecedoras à pesquisa, bem como, indicaram os especialistas locais, indivíduos com excelente conhecimento das plantas da região, denominados de informantes-chave, que também indicaram outros, ocorrendo o que é denominado por Bailey (1994 *apud* Albuquerque *et al.* 2008) de “bola de neve” (*snow ball*).

As primeiras entrevistas foram realizadas com questões estruturadas, aplicadas individualmente. Foram feitas através de formulário (preenchido pelo entrevistador) e questionários (preenchidos pelos entrevistados), conduzidos a 95 e 44 informantes entrevistados, respectivamente. Cada um deles nomeou as palmeiras que conhecia, gerando uma lista de nomes indígenas, seguido do vernáculo da comunidade ou da tradução em português, do local de ocorrência e da importância cultural (uso e das formas de uso). No questionário continha uma única questão traduzida em baniwa e em português: *Pidana nepitana nhaaha haiko makeperitsa phianhenipe?* Quais as palmeiras que você conhece? Este método objetivou elucidar através da escrita, nomes indígenas de difícil compreensão na linguagem auditiva. O método de questionário foi pouco aceito pelos indígenas, principalmente, entre os adultos e idosos que têm dificuldades ou não sabem a grafia baniwa.

Posteriormente, foram feitas entrevistas com os informantes-chave, conduzidas individual ou coletivamente através de estudos em grupo, ocorridos em vários momentos da pesquisa, a partir de questões parcialmente formuladas (semi-estruturadas), que é uma forma de obter informações e dar flexibilidade a novas sugestões, críticas e reflexões, em que as mesmas podem ser refutadas, validadas ou complementadas. A presença do pesquisador figurou como um facilitador na condução do diálogo, não impondo suas próprias idéias, o que contribuiu para a participação e a reflexão do entrevistado, proporcionando a construção de diagnósticos e soluções realizados pelos próprios indígenas. Adaptadas a uma estratégia de investigação êmica (Posey 1987), foram entrevistados onze informantes-chave.

Estímulos visuais foram utilizados como uma estratégia adicional para que os participantes pudessem identificar as palmeiras ou lembrar de determinados tipos de informações de interesse da pesquisa ou, ainda, para localizar o entrevistado contextualmente (Albuquerque *et al.* 2008).

Foram mostrados aos informantes-chave produtos derivados das plantas, como partes da planta fresca, fotografias de palmeiras registradas em literaturas especializadas (Ribeiro *et al.* 1999; Miranda *et al.* 2001; Lorenzi *et al.* 2004) e imagens digitais registradas *in situ* com câmera digital SONY 7.2 mega pixels. Foi feito o *checklist*-entrevista a partir das listas de plantas citadas nas entrevistas estruturadas pelos informantes entrevistados. Também foram realizadas turnês-guiadas que consistiu em levar o

informante-chave a uma ou mais zonas vegetacionais com o objetivo de obter informações sobre a planta, também referida como “ethnobotanical inventory” (Boom 1987), “walk-in-the-woods” (Philips & Gentry 1993) e “field interview” (Alexiades 1996).

As análises dos termos foram feitas com base no modelo berliniano (Berlin *et al.* 1973; Berlin 1973; 1992), Raminez (2001a,b), Couto (2007) e por especialistas na língua indígena baniwa, com a participação efetiva dos mediadores.

Foram concedidas autorizações da Fundação Nacional do Índio - FUNAI, regional e de Brasília, para coleta e a realização de pesquisa em Unidades de Conservação Federais, nº do processo 1829/06; do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos-CEP/UFAM, para acesso a componentes do patrimônio genético com conhecimento tradicional associado (CAAE nº 0019.0.115.115-07); e do Conselho de Gestão do Patrimônio Genético-CGEN, nº 023/2007, publicado em Diário Oficial a Deliberação de nº 207, de 30 de agosto de 2007.

Resultados e discussão

Os Baniwa não conhecem o termo “palmeira” (Arecaceae ou Palmae). Eles se referem às mesmas pelo termo “háiko makeperi” que significa em português “plantas sem galhos” (háiko=planta, ma=sem, keperi=galhos). Diante desse fato, houve o cuidado de não dar nenhuma definição às palmeiras. As entrevistas foram iniciadas mostrando algumas espécies comuns na paisagem baniwa, como o açaí, que é muito abundante na aldeia. Consequentemente, as listas geradas contêm nomes que não designam as palmeiras e não foram discutidos no presente estudo, visto que o artigo refere-se à terminologia baniwa das palmeiras não pretendendo, portanto, abranger outras plantas.

Das entrevistas individuais, com aplicação de formulários e questionários, foram obtidos 108 e 111 nomes indígenas, respectivamente, e dos estudos em grupo e turnês-guiadas foram obtidos 98 nomes. A compilação dessas informações resultou numa lista com 134 nomes indígenas relacionados às palmeiras que foram validados nos estudos em grupo e turnês-guiadas (Tab. 1).

Os nomes das palmeiras foram citados na língua Baniwa, exceto para três deles: **Douripe**, **Olixé** (em língua indígena kuripako) e **Yáara** (em nheengatu). Os dois primeiros são pouco conhecidos entre os moradores, foram citados poucas vezes, sendo para **Douripe** uma vez nas entrevistas com formulário e para **Olixé** quatro vezes com questionário, veja na tabela 1 (item 11 e 70). Ambos foram identificados de forma duvidosa pelo vernáculo “tucum” e “caranaí-domato”, respectivamente. Ao contrário, o nome **Yáara** (item 131) foi bastante citado (12 vezes), sendo popularmente conhecido entre os moradores. Somente os mais idosos sabem reconhecer que o nome **Yáara**, em nheengatu, corresponde ao **Manekoli**, em baniwa, e trata-se de uma palavra em desuso pelos baniwa. Desta forma, o nome **Manekoli** foi

considerado como o termo baniwa relacionado à palmeira e o nome **Yáara** como o seu vernáculo.

O método de entrevista com aplicação de questionário, apesar de pouco aceito pelos indígenas, foi de importante contribuição nas análises dos termos, visto que, possibilitou identificar através da grafia, nomes indígenas difíceis de compreender na linguagem oral. Um exemplo, **Koronhe** (item 37) e **Koroñhe** (item 38) são nomes semelhantes, tanto na forma verbal quanto na escrita, mas nomeiam táxons distintos, cujo vernáculo é coquito e tucumã-i, respectivamente. Assim também para os nomes semelhantes na expressão verbal e escrita que identificam um mesmo táxon, como seguem: **Maalipóne** (=Máli-ipóne) e **Maaliponeni** (=Máli-ipopeni) (item 46), **Makowaátshi** e **Makoátshi** (item 53), **Paitsi-dówire** e **Paitsi-idówire** (item 71). Também revelou as formas gráficas de **Eeña** atual e **Heeña** mais antiga (item 17). Todas essas formas de palavras estão corretas, apesar de grafadas diferentes, pois não impedem a compreensão do termo.

No dicionário Baniwa-Português (Ramirez 2001b), **Makoátshi** é identificado como uma variedade de **Makowaátshi**, o que não está de acordo com a identificação feita pelos informantes-chave que consideram referir-se ao mesmo táxon. Eles também verificam que a grafia mais correta é **Paitsi-idówire** que em português significa “espinho de rá” (páitsi=rá, dóowiri=espinho), cujo prefixo **i** (**i-dówire**) indica o possuidor “de”, a mesma regra se aplica para **Attíne-iponamani** (=pataú de jacamim), **Dzawíra-idówire** (=espinho de acará), **Máli-ipóne** (=ubim de garça), **Ñapirikoli-ipiípiri** (=pupunha-de-Deus) e outros.

Os termos baniwa **doopara** (item 3), **likoiro** (item 45), **makoára** (item 52) e **porámo** (item 107) são habitualmente usados para indicar os táxons **Manákhe-doopara** (item 58), **Manákhe-ikoiro** (item 61), **Ponáma-makoára** (item 99), **Póoperi-makoára** (item 107) e **Manákhe-porámo** (item 65), respectivamente. Dificilmente os moradores se referem a eles pelo seu nome composto, como pôde ser verificado pelo número de citações nas entrevistas com aplicação de formulário e questionário (Tab. 1). Segundo Couto (2007), se a referência à coisa em questão se torna muito frequente, por razões de economia, a expressão vai se encurtando, ou seja, evita-se combinação muito longa de elementos.

Os nomes indígenas baniwa relacionados às palmeiras podem ser enquadrados em dois grupos: os “nomes próprios” e os “nomes com características de nomeação”.

Os nomes próprios podem ser incluídos na classe dos nomes independentes, reconhecidos por Ramirez (2001a,b) no discurso Baniwa-Curripaco, os quais formam uma classe de termos primários e secundários que designam os nomes próprios, os seres humanos ou sobrenaturais, os animais, os vegetais, os elementos da natureza, os objetos e certos estados fisiológicos. Ou, enquadrados no que Couto (2007) classifica de lexema simples, os quais não se deixam decompor em unidades significativas menores, em morfemas ou outras palavras simples, são monomorfêmicos.

Tabela 1. Nomes baniwa das palmeiras atribuídos pelos moradores da comunidade de Tunuí Cachoeira, alto rio Negro-AM, Brasil. Destaque, em negrito, dos nomes próprios. Registro do número de citação (Form = formulário e Quest = questionário).

Item	Nome baniwa	Form	Quest	Item	Nome baniwa	Form	Quest	Item	Nome baniwa	Form	Quest	Item	Nome baniwa	Form	Quest
1	Attine-idówire	-	3	35	Komalápi	-	3	69	Nápirikoli-ipípiri	6	3	103	Póoperi	83	37
2	Attine-íponamani	2	4	36	Kooko	55	32	70	Olixé ¹	-	4	104	Póoperi-áaxipi	-	1
3	Doopara	60	10	37	Koronhe	1	5	71	Paitsi-dówire ou Paitsi-idówire	36	22	105	Póoperi-kantsa	-	5
4	Dóowiri	29	10	38	Koronhe	6	4	72	Paitsi-idówire-alapéetta	-	3	106	Póoperi-makadalipe	1	-
5	Dóowiri-heñamitta	-	2	39	Koronhe-alapéetta	-	-	73	Paitsi-idówire-awakadéetta	-	1	107	Póoperi-makóara	6	2
6	Dóowiri-koronhe	1	1	40	Koronhe-heenamitta	-	-	74	Paitsi-idówire-bittiméperi	1	-	108	Póoperi-tsoodalipe	1	-
7	Dóowiri-makáne	-	1	41	Koyáma	-	1	75	Paitsi-idówire-bittiméperi-íphe	-	1	109	Porámo	79	36
8	Dóowiri-makoátshi	3	1	42	Koyáphe	36	17	76	Paitsi-idówire-haaléne-fiwi	-	1	110	Táali-ipooperi	5	4
9	Dóowiri-tiñalimetta	-	1	43	Koyáphe-haaléne-íphe	-	-	77	Paitsi-idówire-hamalianitta	-	-	111	Táawhi	25	14
10	Dóowiri-yápiperi-fiwi	2	-	44	Koyáphe-íraiperi-íphe	1	-	78	Paitsi-idówire-heñamitta	-	1	112	Tokóma	25	19
11	Douripe ¹	1	-	45	Likoira	4	4	79	Paitsi-idówire-edzawéetta	-	-	113	Tókoma-paniatti	-	1
12	Dowirhi	-	1	46	Maalipóne ou Maaliponeni	9	7	80	Paitsi-idówire-kadowaape-íphe	-	1	114	Towanepi	-	1
13	Dowirhi-alapéetta	-	1	47	Maalipóne-makáne	-	1	81	Paitsi-idówire-linomapitta	-	1	115	Towanhe	66	26
14	Dzawira-idówire	-	3	48	Maalipóne-tsoóne	-	1	82	Paitsi-idówire-makáne	2	1	116	Towanhe-alapéetta	-	-
15	Dzawira-idówire-kadowaape-íphe	-	-	49	Máawi	64	36	83	Paitsi-idówire-patsimene-fiwi	-	1	117	Towanhe-edzawéetta	-	-
16	Dzawira-idówire-makaphaípe-íphe	-	-	50	Máawi-bittiméperi	1	-	84	Paitsi-idówire-tsoóne	1	5	118	Towanhe-kadowaape-íphe	-	1
17	Éña ou Heña	19	8	51	Máawi-makáne	1	-	85	Paitsi-idówire-tiñhalimetta	1	1	119	Towanhe-makadalipe	-	-
18	Ítewi	86	30	52	Makoára	12	5	86	Paro-paro	28	14	120	Towanhe-makáne	-	-
19	Ítewída	1	3	53	Makowátshi ou Makoátshi	20	17	87	Pípiri	67	32	121	Towanhe-tsoodalipe	-	1
20	Ítewípi	-	1	54	Maláma	15	9	88	Pípiri-linomapitta	-	1	122	Towanhe-tsoóne	2	-
21	Íñaimé-ipípiri	2	4	55	Manákhe	36	23	89	Pípiri-paniatti	-	1	123	Towanhe-tiñhalimetta	2	1
22	Kadanalhi	-	3	56	Manákhe-alapéetta	13	7	90	Pípiri-tsoodalipe	1	-	124	Túña	81	31
23	Kadánali	70	26	57	Manákhe-awakadéetta	34	10	91	Píttiri-íkamawani	8	7	125	Túñáphe	-	7
24	Kadánali-óoni-inomápiperi	1	-	58	Manákhe-doopara	1	13	92	Pípreeni	-	1	126	Wáatti	18	10
25	Kadanalipi	3	4	59	Manákhe-dzakaleeriko	2	-	93	Ponáma	86	36	127	Wakhétti	7	3
26	Kadánali-tsoodalipe	1	-	60	Manákhe-hipoleperi	-	7	94	Ponámaa	-	1	128	Wakhétti-awakadéetta	-	1
27	Kamáwa	25	17	61	Manákhe-ikoira	1	7	95	Ponáma-áaxipi	1	2	129	Wéettiri	61	26
28	Kamáwa-makadalipe	1	-	62	Manákhe-kantsa	1	3	96	Ponáma-ikoira	-	2	130	Weettiripi	-	3
29	Kamáwa-óoni-inomápiperi	1	-	63	Manákhe-makadalipe	-	-	97	Ponáma-kantsa	-	5	131	Yáara ²	9	3
30	Kamáwa-tsoóne	1	-	64	Manákhe-makáne	-	1	98	Ponáma-makadalipe	1	-	132	Yawalhi	-	4
31	Kapítisietse	4	5	65	Manákhe-porámo	-	-	99	Ponáma-makóara	3	3	133	Yáwali	52	16
32	Komalhi	6	3	66	Manákhe-tsoodalipe	-	-	100	Ponamápi	-	1	134	Yawalpi	-	1
33	Komalhi-awakadéetta	-	1	67	Manekoli	3	4	101	Póne	32	22				
34	Komália	55	24	68	Mawixápi	6	8	102	Poópa	77	39				

¹Lingua indígena Kuripako. ²Lingua indígena nheengatu.

Foram reconhecidos 30 nomes próprios, os quais apresentam estrutura mononômica, exceto **Kapitsietsie** e **Paro-paro** que são formas com reduplicação parcial e total, respectivamente. Nos diálogos com os “brancos” (em português) são referidos pelo seu significado em português, ou seja, pelo nome vernáculo da comunidade, exceto **Kapitsietsie**, cujo vernáculo é desconhecido. No dicionário Baniwa-Português (Ramirez 2001b), o nome **Mawixápi** se refere ao tubo interno da zarabatana (arma de caça), que significa “paxiubinha bucha” ou “bucha de pari”. É de consenso dos informantes que os nomes próprios identificam as palmeiras e, em geral, foram os que obtiveram o maior número de citações (Tab. 1).

Os nomes com características de nomeação têm nas suas definições aproximação aos conceitos botânicos e não botânicos da língua portuguesa, podendo assim ser traduzidos. São formados por dois nomes (binominais), três (trinominais) ou quatro (quadrominais) ou apenas morfemas sufixados. Eles podem ser classificados como lexemas complexos que são compostos por outros lexemas, ou apenas polimorfêmicos (Couto 2007). Os morfemas sufixados são denominados por Ramirez (2001a,b) de nomes dependentes, os quais são constituídos por termos primários ou secundários que designam as partes do corpo, do objeto ou do espaço, os termos da anatomia animal ou vegetal e os termos de parentesco.

Entre os Baniwa, há o uso comum de termos que se referem aos caracteres morfológicos, ecológicos e culturais, sendo que os termos relacionados à morfologia foram os que obtiveram o maior número de registro (58%), subdivididos em relação ao tamanho, às partes da planta, à cor e à presença de espinhos, seguidos dos ecológicos (29%), hábitat e a associação a animais, e dos culturais (13%), que se referem à origem, ao parentesco, ao cultivo, à mitologia e ao uso das palmeiras (Tab. 2). De acordo com o quinto princípio de nomenclatura do modelo berliniano resumido por Berlin (1992:31): “nomes de plantas e animais, comumente fazem alusão metafórica a alguma característica típica morfológicas, comportamentais, ecológicas ou característica qualitativa de seus referentes”.

Nas nomeações baniwa, predomina a nomenclatura binomial que está relacionada ao nome específico. Isto está de acordo com o princípio de nomenclatura berliniana para os nomes específicos, segundo o qual, a estrutura dos nomes *specific* em sistemas de *folk* é regularmente binomial, em que o nome *generic* é modificado por um adjetivo que, geralmente, designa alguns caracteres morfológicos para a classe das plantas, tal como a cor, a textura, o tamanho. A nomenclatura binomial baniwa também é a maioria naqueles caracteres de nomeação que estão relacionados à ecologia ou ao cultural.

Nem todos os termos relacionados às palmeiras são utilizados para nomear os táxons, visto que muitos se aplicam às partes da planta, ao ambiente onde a planta se encontra e a importância cultural (uso). Segundo o modelo berliniano,

nomeações apenas semânticas ou puramente de importância cultural e econômica não devem ser usadas para incluir agrupamentos em níveis hierárquicos. De modo sistemático, dos 93 nomes baniwa com características de nomeação relacionada às palmeiras, somente 42 são comumente utilizados para nomear os táxons, distribuídos dentro das características de nomeação da seguinte forma: as características morfológicas somaram 40,48% das nomeações, seguidas das ecológicas (35,71%) e culturais (23,81%) (Fig. 1).

O tamanho nem sempre nomeia o táxon, muitas vezes é usado para salientar diferenças morfológicas dentro de um mesmo táxon, vão do diminutivo ao aumentativo, nessa ordem seguem os léxicos: **pipireeni** que significa “pupunha pequena” (**piipiri**=pupunha, **-eni**=diminutivo), **bittiméperi** (=pequeno, miúdo ou em fase de crescimento, “plântula”), **tsoóne** (=pequeno, baixo), **kadowaápe** (=miúdo), **tsoodalipe** (=fruto pequeno), **yapíperi** (=comprido, longo, alto), **makáne** (=grande, alto), **makaphaipe** (=grande), **makadalipe** (=fruto grande). Mas também podem ser usados para identificar os táxons subordinativos, em que um deles é nomeado pelo nome principal superordenado. Geralmente, estes são os mais significantes da categoria, por exemplo, **Kamáwa** (jacitara) e **Piittiri-ikamawani** (jacitara de morcego) que também são nomeados de **Kamáwa-makáne** (jacitara grande) e **Kamáwa-tsoóne** (jacitara pequena), respectivamente. Os léxicos **makoára** e **porámo** são usados para identificar os táxons de frutos pequenos das categorias superordenadas: **Ponáma** (**Ponáma-makoára**), **Póoperi** (**Póoperi-makoára**) e **Manákhe** (**Manákhe-porámo**).

Os termos que indicam as partes da planta são morfemas sufixados que não são empregados na nomenclatura dos táxons. Eles são denominados por Ramirez (2001a,b) de classificadores, salientam uma característica animal, vegetal ou de qualquer nome, dos quais o classificador “-pi” designa o caule de palmeira, podem ser usados no modo individual ou coletivo, como **komaliápi** estipe “pé” de tucum, **ponamápi** estipes “pés” de patauí ou patauazeiro. O classificador “-phe” designa folha, os “-hi” ou “-da” fruta e o “-lhi” caroço ou semente. Os nomes **iináka** e **ixi** significam na língua portuguesa fruta e caroço (Ramirez 2001b). Couto (2007) verifica que, quando a árvore é frutífera, em geral ela é chamada pelo nome da fruta e não da árvore em si. Quando é necessário referir-se à árvore, e não ao seu fruto, geralmente se usa a expressão “pé de X”.

Os termos que se referem à cor são bastante usados na nomenclatura dos táxons, por exemplo, **Koyáphe-haaléne-íphe** curuá de folha branca (**háale**=branco), **Koyáphe-íraiperi-íphe** curuá de folha vermelha (**írai**=vermelho) e o **Manákhe-hípoleperi** açai de fruto verde (**hípole**=verde). Em alusão à cor roxa da raiz da batata-cará (=áaxi), as palmeiras de patauí e bacaba, que têm a coloração da polpa da fruta roxa, recebem o nome da mesma, cujos táxons são identificados por **Ponáma-áaxipi** e **Póoperi-áaxipi**.

As palmeiras espinhosas podem ser referenciadas pelos termos **dóowiri**, **doowirína** e **iíwi**, como em **dóowiri-ko-**

Tabela 2. Características de nomeação baniwa relacionadas às palmeiras, seguida da tradução em português, atribuídas pelos moradores da comunidade de Tunuí Cachoeira, alto rio Negro-AM, Brasil.

Morfologia (tamanho)		Morfologia (presença de espinho)	
Dóowiri-makáne	Planta espinhosa grande	Dóowiri (Doowirína)	Qualquer planta espinhosa
Dóowiri-yapíperi-íiwi	Planta espinhosa de espinho longo	Dóowiri-koroñhe	Planta espinhosa de koroñhe (tucumã-i)
Dzawira-idówire-kadowaápe-íphe	Espinho de acará da folha miúda	Dóowiri-makoátshi	Planta espinhosa de makoátshi
Dzawira-idówire-makaphaípe-íphe	Espinho de acará da folha graúda	Dóowire-yapíperi-íiwi	Palmeira espinhosa de espinhos longos
Kadánali-tsoodalipe	Caranaí-da-beira de fruto pequeno	Paitsi-dówire-patsimene-íiwi	Marajá de espinho mole
Kamáwa-makáne	Jacitara de fruto grande	Ecologia (habitat)	
Kamáwa-tsoóne	Jacitara pequena	Dóowiri-heñamitta	Planta espinhosa da capoeira
Máawi-bittiméperi	Paxiubinha pequena	Dóowiri-ttiñalimetta	Planta espinhosa do caranazal
Máawi-makáne	Paxiubinha de tamanho maior	Dowirhi-alapéetta	Fruto de planta espinhosa do igapó
Manákhe-makadalipe	Açaí de fruto grande	Kadánali-óoni-inomapíperi	Caranaí-da-beira do rio
Manákhe-makáne	Açaí grande	Kamáwa-óoni-inomapíperi	Jacitara da beira do rio
Manákhe-porámo	Açaí pequeno	Komálhi-awakedéetta	Caroço de tucum do mato
Manákhe-tsoodalipe	Açaí de fruto pequeno	Koroñhe-alapéetta	Tucumã-í que fica no igapó
Paitsi-idówire-bittiméperi	Marajá pequeno	Koroñhe-heeñamitta	Tucumã-í que fica na capoeira
Paitsi-idówire-bittiméperi-íphe	Marajá de folha miúda	Manákhe-alapéetta	Açaí do igapó
Paitsi-idówire-kadowaápe-íphe	Marajá de folha miúda	Manákhe-awakadéetta	Açaí do mato
Paitsi-idówire-makáne	Marajá grande	Manákhe-dzakaleeriko	Açaí que fica na área da comunidade
Paitsi-idówire-tsoóne	Marajá pequeno	Paitsi-idówire-alapéetta	Marajá do igapó
Pipíreeni (-eeni)	Pupunha pequena	Paitsi-idówire-awakadéetta	Marajá do mato, da floresta.
Pípiri-tsoodalipe	Pupunha de fruto pequeno	Paitsi-idówire-linomapitta	Marajá da beira do rio
Ponáma-makadalipe	Patauí de fruto grande	Paitsi-idówire-ttiñhalimetta	Marajá do caranazal
Ponáma-makóara	Patauí de fruto pequeno	Pípiri-linomapitta	Pupunha da beira do rio
Póoperi-makadalipe	Bacaba de fruto grande	Towanhe-alapéetta	Caranaí-do-mato que fica no igapó
Póoperi-makóara	Bacaba de fruto pequeno	Towanhe-ttiñalimetta	Caranaí-domato que fica no caranazal
Póoperi-tsoodalipe	Bacaba de fruto pequeno	Towanhe-edzawéetta	Caranaí-do-mato que fica na terra firme
Towanhe-kadowaápe-íphe	Caranaí-do-mato da folha miúda	Wakhétti-awakadéetta	Tucumã do mato
Towanhe-makadalipe	Caranaí-do-mato de fruto grande	Ecologia (associação a animais)	
Towanhe-makáne	Caranaí-do-mato grande	Attíne-idówire	Espinho de jacamim
Towanhe-tsoodalipe	Caranaí-do-mato de fruto pequeno	Attíne-iponamani	Patauí de jacamim
Towanhe-tsoóne	Caranaí-do-mato pequeno	Dzawira-idówire	Espinho de acará
Morfologia (parte da planta)		Máali-ipóne	Ubim de garça
Dowirhi (-hi)	Fruta de planta espinhosa	Paitsi-idówire	Espinho de rã ou marajá
Itewída (-da)	Fruta de buriti	Píittiri-ikamawani	Jacitara de morcego
Itewípi (-pi)	Estipe “pé” de buriti ou buritizeiro	Táali-ipooperi	Bacaba de aracu
Kadánalhi (-lhi)	Caroço de caranaí-da-beira	Cultural (origem)	
Kadanalípi (-pi)	Estipe “pé” de caranaí-da-beira	Manákhe-doopara	Açaí do Pará
Komálhi (-lhi)	Caroço de tucum	Manákhe-kantsa	Açaí verdadeiro
Komáliapi (-pi)	Estipe “pé” de tucum	Ponáma-kantsa	Patauí verdadeiro
Ponamápi (-pi)	Estipe “pé” de patauí ou patauzeiro	Póoperi-kantsa	Bacaba verdadeira
Towanepi (-pi)	Estipe “pé” de caranaí-do-mato	Cultural (parentesco)	
Ttiñáphe (-phe)	Folha “palma” de caraná	Manákhe-ikoiro	Açaí-solteira
Weettirípi (-pi)	Estipe “pés” de inája ou inajazeiro	Ponáma-ikoiro	Patauí-solteira
Yawálhi (-lhi)	Caroço de jauari	Cultural (cultivo)	
Yawalípi (-pi)	Estipe “pé” de jauari	Pípiri-paniátti	Pupunha plantada
Morfologia (cor)		Tókoma-paniátti	Tucumã plantado
Koyáphe-haaléne-íphe	Curuá da folha “palha” branca	Cultural (mito)	
Koyáphe-iraíperi-íphe	Curuá da folha “palha” vermelha	Ináime-ipípiri	Pupunha do diabo
Manákhe-hipoleperi	Açaí de fruto verde	Ñapirikoli-ipípiri	Pupunha de deus
Paitsi-idówire-haaléne-íiwi	Marajá de espinho branco	Cultural (uso)	
Ponáma-áaxipi	Pé de patauí de fruto ‘polpa’ roxo	Koyáma	Tapete feito de koyáphe (curuá)
Póoperi-áaxipi	Pé de bacaba de fruto ‘polpa’ roxo	Ponámaa	Suco “vinho” de patauí

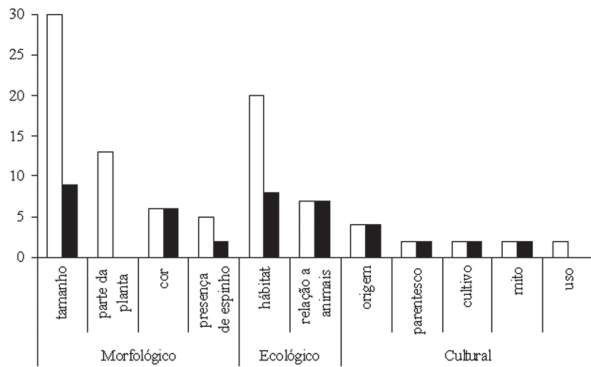


Figura 1. Características de nomeação relacionadas às palmeiras atribuídas pelos Baniwa da comunidade indígena de Tunui Cachoeira, alto rio Negro-AM, Brasil (□ = número total de nomes ■ = número de nomes que nomeiam os táxons).

roñhe planta espinhosa de tucumã-í e **dóowiri-makoátshi** planta espinhosa de marajá do mato. Detalhes na estrutura morfológica do espinho podem agrupar táxons, como na expressão **dóowiri-yapiperi-íwi** (**yapíne**=comprido, **íwi**=espinho) que agrupa as palmeiras que têm espinhos longos, **Makoátshi**, **Koroñhe** e outros, bem como a flexibilidade do espinho que nomeia a etnoespécie de **Paitsi-idówire-patsimene-íwi** (**patsíme**=mole) marajá de espinho mole.

A associação da palmeira com o seu habitat é bastante usada entre os indígenas, às vezes parecem descrever mais o ambiente do que as características morfológicas da planta, acrescentando informações importantes sobre o ambiente em que vive a palmeira, resultado das atividades extrativistas desenvolvidas ao longo dos tempos pelos indígenas. Os termos indicadores de ambientes utilizados nas nomeações das palmeiras, como também referidos por Raminez (2001b) e Andrello (2006) foram: **alapéetta** (**alápe** = igapó), que fica no igapó; **awakadéetta** (**awakáda** = mata, floresta), que fica no mato, ou seja, fora da área de ocupação da comunidade; **dzakaleeriko**, que fica no entorno da área de ocupação da comunidade; **edzawéetta**, que fica na terra firme ou terras altas, boa pra fazer roças (**édzawa** = terra firme); **heeñamitta**, que fica na capoeira, roça velha ou abandonada (**heeñami** = capoeira); **linomapitta** ou **óoni-inomapiperi**, que fica na beira do rio (**óoni** = rio, **nomápi** = beira); e **ttiñalimetta**, que fica no caranzal (**ttiñalima** = tipo de campinarana baixa e aberta onde ocorre o caraná **ttiñña**).

Cabalzar & Ricardo (2006) ressaltam que há termos específicos na língua baniwa para designar tipos de vegetação. Trata-se, de fato, de um sistema de classificação baseado na percepção da dominância de diferentes espécies em porções específicas da mata. Citam o termo **punamarimã** (**punama** = patauí, **rimã** = concentração), que pode ser traduzido por “área de patauí” ou mesmo “patauazal”, assim, **puperimã** (bacabal), **puparimã** (paxiubal), **tinharimã** (caranzal) e outros.

Os termos que se referem aos animais são bastante usados para nomear as palmeiras, por exemplo, **Dzawira-**

idówire espinho de acará (**dzawíra** = acará “peixe”), **Maalipóne** ubim da garça (**máali** = garça “ave”), **Paitsi-idówire** espinho de rã (**páitsi** = certo tipo de rã comestível “anfíbio”), **Attíne-idówire** marajá-de-jacamim, **Attíne-iponamani** patauí-de-jacamim (**attíne** = jacamim “ave”), **Píittiri-ikamawani** jacitara do morcego (**píittiri** = morcego “mamífero”), **Táali-ipooperi** bacaba de aracu (**táali** = aracu “peixe”). Hartmann (1968) ao tratar da nomenclatura botânica dos índios Borôro e por encontrar nos nomes zoológicos o maior número de étimos (102), concluiu que os critérios para designação de classificação das plantas estão intimamente ligados a uma concepção do mundo considerada característica de povos caçadores. A relação homem-animal também se encontra nítida na nomenclatura botânica dos Baniwa.

O comportamento cultural indígena relaciona vários termos baniwa atribuídos às palmeiras que podem ser usados para nomear os táxons, com exceção dos relacionados ao uso que evidenciam o objeto usado, por exemplo, **koyáma** (=tapete feito de curuá) e **ponámaa** (=vinho feito de fruto de patauí). Desse modo, foram usados vários termos que se referem à origem, ao parentesco, ao cultivo e a mitologia, como seguem: a) origem: **Manákhe-doopara** açai que veio do Pará; **Manákhe-kantsa**, **Ponáma-kantsa** e **Póoperi-kantsa** (**kantsa**=próprio da região “verdadeiro”); b) parentesco: **likoiro** significa “tia dele” (tia cruzada), aplicado para identificar táxons, dentro de uma população, que se destacam dentre os demais, principalmente, por seu porte alto e robusto. O termo **likoiro** é empregado não somente para o açai (**Manákhe-ikoiro**), mas para qualquer população de palmeiras em que um dos indivíduos se destaca dos demais, por exemplo, nas touceiras de caraná-da-beira, podem ser visualizados **likoiro’s** (**Kadánali-ikoiro**), no patauazal (**Ponáma-ikoiro**). Aqui, foi considerado somente o **Manákhe-ikoiro** por ser de fácil identificação e mais comumente referenciado pelos baniwa; c) as palmeiras cultivadas são referenciadas pelo termo **paniatti** (=plantio), nomeadas para a pupunha (**Píipiri-paniatti**) e tucumã (**Tókoma-paniatti**); d) mitos: os termos **ñapirikoli**, que referencia Deus “criador do mundo” (**Ñapirikoli-ipiipiri** = pupunha-de-Deus), e **ññaime** “demônio” (**ññaime-ipiipiri** = pupunha-do-Diabo). Este último não foi encontrado na área da comunidade e somente um informante disse conhecer. Segundo ele, trata-se de uma palmeira que não ocorre na área estudada e é menor que a pupunha-de-Deus.

Levando-se em consideração a análise etnossemântica dos nomes atribuídos às palmeiras que, habitualmente, nomeiam os táxons, os lexemas registrados se enquadram nos princípios de nomenclatura de *folk* propostos nos modelos berlinianos, em que os nomes de plantas e animais exibem uma estrutura lexical de um dos dois tipos universais: lexemas primários e secundários. Os lexemas primários podem ser classificados em: não analisável e analisável (produtivo e improdutivo).

A maioria dos lexemas primários é classificada como “não analisável”, corresponde aos “nomes próprios”, exceto

Tabela 3. Análise lexical dos nomes baniwa relacionados às palmeiras: LPNA = primário não analisável, LPAP = primário analisável produtivo.

Lexema primário	Lexema secundário
Dóowiri (LPNA)	
Dzawira-idówire (LPAP)	Dzawira-idówire-kadowaápe-íphe Dzawira-idówire-makaphaipe-íphe
Éeña (LPNA)	
Íitewi (LPNA)	
Kadánali (LPNA)	
Kamáwa (LPNA)	Kamáwa-makáne Piíttiri-ikamawani ou Kamáwa-tsoóne
Kapitisietsie (LPNA)	
Komália (LPNA)	
Kooko (LPNA)	
Koronhe (LPNA)	
Koroñhe (LPNA)	
Koyáphe (LPNA)	Koyáphe-haaléne-íphe Koyáphe-íiraiperi-íphe
Máawi (LPNA)	Máawi-makáne Mawixápi
Makowaátshi (LPNA)	
Maláma (LPNA)	
Manákhe (LPNA)	Manákhe-doopara ou Manákhe-dzakaleeriko Manákhe-hípoleperi Manákhe-ikoiro Manákhe-kantsa, Manákhe-alapéetta ou Manákhe-awakadeetta Manákhe-porámo
Manekoli (LPNA)	
Paitsi-idówire (LPAP)	Attíne-idówire Paitsi-idówire-alapéetta Paitsi-idówire-haaléne-íwi Paitsi-idówire-hamalianitta Paitsi-idówire-heeñamitta Paitsi-idówire-linomapitta Paitsi-idówire-patsimene-íwi Paitsi-idówire-ttiñhalimetta
Paro-paro (LPNA)	
Piípiri (LPNA)	Piípiri-paniátti Ñapirikoli-ipiípiri Iñaime-ipiípiri
Ponáma (LPNA)	Attíne-iponamani Ponáma-áaxipi Ponáma-kantsa Ponáma-makóara
Póne (LPNA)	Póne-makáne Máali-ipóne ou Póne-tsoóne
Póopa (LPNA)	
Póoperi (LPNA)	Póoperi-áaxipi Póoperi-kantsa Póoperi-makóara Táali-ipooperi
Táawhi (LPNA)	
Tokóma (LPNA)	Tokóma-paniátti Wakhétti-awakadéetta
Towanhe (LPNA)	Towanhe-makáne Towanhe-ttiñhalimetta ou Towanhe-tsoóne
Ttiña (LPNA)	
Wáatti (LPNA)	
Wéettiri (LPNA)	
Yáwali (LPNA)	

Mawixápi. Mas, há, também, os lexemas primários analisáveis produtivos, em que um dos constituintes de cada expressão indica uma categoria superordenada a qual pertence o objeto, são eles: **Dzawira-idówire** (=espinho de acará) e **Paitsi-idówire** (=espinho de rã). Os lexemas secundários ocorrem quando um dos constituintes da expressão indica uma categoria superordenada para a forma em questão; a diferença é que eles ocorrem em conjuntos de contraste, em que um dos termos aparece em todos os rótulos. Estes correspondem a alguns nomes com “características de nomeação” (Tab. 3).

Ainda, segundo o modelo berliniano, os lexemas primários nomeiam os etnogêneros e os secundários as etnoespécies. Obedecendo a esta estrutura hierárquica, as nomeações usadas para nomear os táxons somam 31 termos superordenados (etnogenéricos) e 44 termos subordinativos (etnoespecíficos), sendo que seis são resultantes de mais de uma nomeação para um mesmo táxon (**Kamáwa-tsoóne**, **Manákhe-alapéetta**, **Manákhe-awakadéetta**, **Manákhe-dzakaleeriko**, **Poné-tsoóne** e **Towanhe-tsoóne**). Daly (1998) ressalta que para alguns nomes comuns ou indígenas usados entre regiões ou numa mesma região, a mesma espécie pode ter vários nomes e várias espécies podem ter o mesmo nome.

O termo **Attíne-idówire** é subordinativo (*specific*) ao termo superordenado (*generic*) **Paitsi-idówire** “marajá”. Isto é evidenciado quando se analisa o significado ou o nome vernáculo dado pelos baniwa “marajá de jacamin” (**attíne** = jacamim) (Tab. 2). Daly (1998) afirma que o conhecimento de nomes vulgares, a sua etimologia e a sua estrutura conceitual que são usados pode oferecer idéias sobre a cultura estudada, também pode dar a conhecer muito sobre as plantas. Dessa maneira, o autor enfatiza que os nomes comuns, vernáculos ou nativos, devem ser tratados com atenção meticulosa, ou sua informação e sua utilidade se perde.

Os termos relacionados às palmeiras tendem a aumentar naqueles táxons de maior significância cultural, como observado para os utilizados na alimentação, **Manákhe**, **Ponáma** e **Póoperi**, ou indicadores de ambiente, **Paitsi-idówire** (Tab. 2). Posey (1987) e Berlin (1992) concordam que o grau de diferenciação dentro de uma determinada categoria cognitiva, quase que invariavelmente, se referem àquelas classes de organismos que são culturalmente importantes, devem ser um indicador mais forte de utilidade ou importância cultural, oferecendo um guia êmico para investigações posteriores.

Agradecimentos

As autoras agradecem ao suporte financeiro do Programa Jovem Cientista Amazônica - JCA da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e

Tecnológico - CNPq, pela concessão da bolsa de estudo à primeira autora e ao Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA e a Universidade Federal do Amazonas - UFAM, por proporcionarem meios para formação de Recursos Humanos na Região Amazônica.

Referências bibliográficas

- Albuquerque, U.P.; Lucena, R.F.P. & Cunha, L.V.C. 2008. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife, Livro Rápido/NUPEEA.
- Alexiades, M.N. 1996. **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. New York, The New York Botanical Garden.
- Andrello, G. 2006. Classificação Baniwa dos tipos de vegetação. Pp.68-69. In: Cabalzar, A. & Ricardo, C, (Eds.). **Povos indígenas do Rio Negro: uma introdução à diversidade socioambiental do noroeste da Amazônia brasileira**. São Paulo, ISA/FOIRN.
- Boom, B.M. 1987. The Chácobo Indians and their palms. **Principes** 30(2): 91-97.
- Bailey, K. 1994. **Methods of social research**. New York, The Free Press.
- Berlin, B.; Breedlove, D.E. & Raven, P.H. 1973. General principles of classification and nomenclature in folk biology. **American Anthropologist** 75: 214-242.
- Berlin, B. 1973. Folk systematics in relation to biological classification and nomenclature. **Annual Review of Ecology and Systematics** 4: 259-271.
- Berlin, B. 1992. **Ethnobiological classification: principles of categorization of plant and animals in traditional societies**. New Jersey, Princeton University Press.
- Cabalzar, A. & Ricardo, C.A. 2006. **Povos indígenas do Rio Negro: uma introdução à diversidade socioambiental do noroeste da Amazônia brasileira**. São Paulo, ISA/FOIRN.
- Conklin, H.C. 1962. Lexicographical treatment of folk taxonomies. **International Journal of American Linguistics** 28: 119-141.
- Couto, H.H. 2007. **Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente**. Brasília, Thesaurus.
- Daly, D.C. 1998. Systematics and ethnobotany: what's in a name? Pp. 50-68. In: Fonseca, V.S.; Silva, I.M. & Sá, C.F.C. (Eds.). **Etnobotânica, bases para conservação**. Nova Friburgo, EDUR/UFRRJ.
- Hartmann, T. 1968. **A nomenclatura botânica borôro**. Instituto de Estudos Brasileiros/USP, São Paulo.
- Lei municipal oficializa línguas indígenas. Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Lingüística. Disponível em: <<http://www.ipol.org.br/imprimir.php?cod=83>> (Acesso em 06/05/2009).
- Lorenzi, H.; Souza, H.M.; Costa, J.T.M.; Cerqueira, L.S.C. & Ferreira, E. 2004. **Palmeiras Brasileiras e Exóticas Cultivadas**. São Paulo, Nova Odessa.
- Miranda, I.P.A.; Rabelo, A., Bueno, C.R., Barbosa, E.M. & Ribeiro, N.S. 2001. **Frutos de palmeiras da Amazônia**. Manaus, MCT INPA.
- Philips, O.; Gentry, A.H. 1993. The useful woody plants of Tambopata, Peru: I Statistical hypotheses tests with a new quantitative technique. **Economic Botany** 47: 15-32.
- Posey, D.A. 1987. Introdução – Etnobiologia: Teoria e Prática. Pp.15-25. In: Ribeiro, D, (Ed.). **Suma etnológica brasileira**. Petrópolis, Vozes.
- Ramirez, H. 2001a. **Línguas Arawak da Amazônia Sententrional: Comparação e Descrição**. Manaus, EDUA, Universidade do Amazonas.
- Ramirez, H. 2001b. **Dicionário da Língua Baniwa**. Manaus, EDUA, Universidade do Amazonas.
- Ribeiro, J.E.L.S.; Hopkins, M.J.G.; Vicentini, A.; Sothers, C.; Costa, M.A.; Martins, L.H.P.; Lohmann, L.G.; Assunção, P.A.C.L.; Pereira, E.; Silva, C.F.; Mesquita, M.R. & Procópio, L.C. 1999. **Flora da Reserva Ducke. Guia de identificação das plantas de uma floresta de terra-firme na Amazônia Central**. Manaus, INPA.